

COMUNIDADE, MEIO AMBIENTE E QUALIDADE DE VIDA

Coordenadora:

Naumi A. de Vasconcelos (UFRJ)

Participantes:

Ronald J. J. Arendt (UERJ)

Sueli Terezinha Ferreira Martins (UNESP-Bauru)

Heloisa Szymanski (PUC/SP)

Maria de Fátima Quintal de Freitas (UFES)

Jacyara C. Rochael Nasciutti (UFRJ)

Tania Barros Maciel (UFRJ)

SAÚDE REPRODUTIVA-SEXUALIDADE E HABITAÇÃO EM COMUNIDADES CARENTES

Naumi A. de Vasconcelos
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Fazendo parte do projeto de pesquisa **Mães-meninas**, em desenvolvimento pela autora, esta comunicação destaca as condições de moradia das famílias pertencentes a extratos sociais desfavorecidos em ligação com ocorrências de natureza sexual e reprodutiva e familiar - instabilidade conjugal, ausência paterna, incesto, gravidez indesejada, gravidez na adolescência, reincidências de aborto e sequelas sobre a saúde das mulheres. A metodologia empregada distingue ali duas vertentes de investigação: a vertente sócio-cultural, interessada na coleta de dados descritivos da qualidade do habitar, assim como das representações dos sujeitos a respeito e a vertente psico-semiológica, voltada para a captação das percepções e imagens do corpo próprio em relação com o espaço habitado, enquanto interferindo na construção da identidade e de atitudes frente ao exercício sexual e reprodutivo.

PSICOLOGIA SOCIAL DE COMUNIDADES

Ronald J. J. Arendt
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

A partir da investigação que venho desenvolvendo nos últimos anos sobre modernismo e pós-modernismo estou atualmente estudando a obra do pensador francês Paul Virilio, que desenvolve ensaios críticos que envolvem arquitetura, urbanismo, comunicação, arte e tecnologia. A linha mestra do pensamento de Virilio está na análise da informática e seus efeitos no mundo contemporâneo. Por exemplo, segundo Virilio, a extrema velocidade das informações por computador e via rede e a possibilidade de transmissão de imagens em tempo real têm consequências drásticas na organização das cidades, no deslocamento de indivíduos: hoje é possível realizar uma reunião numa instituição com tecnologia de ponta na qual um integrante está no Japão, outro no Brasil, o terceiro no Canadá.... Com isto o que se ganha em tempo de deslocamento perde-se em tempo de maturação, em contatos perceptuais face a face. Virilio chega a propor uma **Ecologia Cinza** em aditamento à já consagrada **Ecologia Verde**. O que me interessa especialmente nesse autor é a possibilidade de investigar as consequências de sua análise no âmbito social, institucional e psicossocial. Recolocando a questão: como a velocidade das comunicações - fato irrefutável hoje - interfere na arquitetura institucional, na constituição dos grupos, na organização mental? Vale frisar que embora esta problemática se afaste do eixo temático que vinha explorando, a Psicologia Comunitária ou Psicologia Social de Comunidades, ela não deixa de permanecer no GT **Comunidade, Meio Ambiente e Qualidade de Vida**, permitindo, afinal, retomar a questão da Psicologia Social de Comunidades segundo uma nova ótica.

COTIDIANO E EMOÇÕES NO PROCESSO SAÚDE- DOENÇA - ANÁLISE PSICOSSOCIAL DA HIPERTENSÃO ESSENCIAL.

*Sueli Terezinha Ferreira Martins
Universidade Estadual Paulista/Bauru.*

A importância do cotidiano e das emoções no processo saúde-doença tem sido objeto de nossa pesquisa nos últimos anos e tem contribuído no desenvolvimento de processos grupais realizados em unidades básicas de saúde. Resgatamos o processo de adoecimento em 57 mulheres com hipertensão arterial essencial através de entrevistas estruturadas e depoimentos. A pesquisa indicou que, segundo a perspectiva desse grupo, os aspectos geradores de conflitos e sentimentos negativos (raiva, medo, tristeza, vergonha) estão associados ao espaço privado, enquanto que os aspectos positivos (trabalho fora de casa e participação em grupos religiosos ou não) relacionam-se ao espaço público. Foi possível verificar de que modo o sentido pessoal, marcado pelas experiências cotidianas, subsidia a construção da concepção de doença e as ações que desencadeiam em relação à causalidade, tratamento e controle da doença.

O POTENCIAL EDUCATIVO DA COMUNIDADE

*Heloísa Szymanski
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*

Acreditamos que a Comunidade - entendida como um grupo organizado - pode ter uma função socializadora e educativa, mobilizando recursos, na forma de redes, com vistas ao desenvolvimento pessoal e profissional de seus membros.

No caso de comunidades de baixa renda essa atuação educativa pode ter uma função de auxiliar (às vezes complementar) as famílias na sua tarefa de socialização dos membros mais jovens. Como consequência social relevante tem-se a manutenção de crianças e jovens nos limites geográficos do bairro.

O presente trabalho descreve uma pesquisa que está se desenvolvendo nessa direção numa comunidade de baixa renda na periferia de São Paulo.

MODELOS PRESENTES NAS PRÁTICAS E INTERVENÇÕES EM COMUNIDADE; E PROPOSTAS PARA DELIMITAÇÃO DE FRONTEIRAS E PARADIGMAS PARA O TRABALHO DA PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA NO BRASIL.

*Maria de Fátima Quintal de Freitas
Universidade Federal do Espírito Santo*

Pretende-se dar continuidade às discussões e reflexões sobre as diferentes práticas que a Psicologia tem assumido em comunidade, nestas últimas três décadas. Para isso, serão apresentados dados (provenientes de projetos de pesquisa que vêm sendo desenvolvidos nesta área) a respeito de:

- 1) Temáticas e Problemáticas com as quais as práticas e intervenções têm trabalhado nesse período;
- 2) Instrumentais utilizados e/ou propostos;
- 3) Comparações entre as formas de trabalho nas diversas áreas da psicologia;
- 4) Modelos que estiveram presentes na orientação dessas práticas, em termos do **Referencial teórico, enquadre metodológico e conceituação do objeto a ser trabalhado/investigado.**

O objetivo deste trabalho é propiciar reflexões sobre a identidade do/a Psicólogo(a) Social Comunitário(a) com vistas à identificação dos aspectos determinantes para a sua prática em coerência a essa postura. Pretende-se também encontrar subsídios para propostas de redefinição de conteúdos e de práticas, presentes nos cursos e estágios curriculares da graduação, durante o processo de formação profissional do(a) psicólogo(a).

INSTITUIÇÕES DE SAÚDE MENTAL E QUALIDADE DE VIDA

Jacyara C. Rochael Nasciutti
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Uma nova política de saúde mental vem sendo intensamente discutida e gradualmente implantada nos diversos estratos institucionais envolvidos com a questão. O foco dos debates é centralizado sobretudo nos hospitais psiquiátricos, "locus" da materialização da instituição "loucura", em seus diferentes aspectos e determinantes (políticos, sociais, psicológicos e biológicos).

A questão central é a realidade dos modelos assistenciais tradicionalmente adotados e as mudanças possíveis e desejáveis que envolvem a definição de um novo lugar (psicossocial e político) de inserção do "doente mental" na sociedade.

Observa-se na literatura referente à desinstitucionalização uma grande preocupação com a criação de formas alternativas de assistência que visam simultaneamente a prestação de serviços terapêuticos e assistenciais que substituam a internação e a reinserção familiar, social, cultural e no mercado de trabalho, do portador de doença mental. O reconhecimento legal e social de sua cidadania constitui-se num dos objetivos desse movimento que se contrapõe ao sistema excludente e tutelar ainda predominante.

Meu interesse, neste trabalho, é o de analisar, a partir de uma experiência de intervenção, as dificuldades institucionais, de diferentes ordens, que essas propostas de mudança têm encontrado, assim como o de discutir essa reinserção do doente mental na comunidade, a partir da representação social da loucura e do "louco" em nossa cultura, contribuindo assim para se pensarem estratégias que definam com mais clareza os possíveis lugares que a sociedade lhes reserva fora da instituição psiquiátrica e que se traduzem em melhora de sua qualidade de vida.

CONCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA ECOLOGIA E MEIO AMBIENTE EM DIFERENTES ÁREAS DA COMUNIDADE CIENTÍFICA DA UFRJ

Tania Barros Maciel
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Este trabalho faz parte da linha de pesquisa *Comunidade, Meio Ambiente e Desenvolvimento*, do Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social da UFRJ (EICOS).

Tendo como base, para uma grande enquête, estudos do *Laboratoire de Psychologie Sociale de l'EHESS*, assim como trabalhos que realizamos, durante vários anos, junto às comunidades pantaneiras, urbanas e rurais, no Pantanal de Mato Grosso do Sul, estamos concluindo as entrevistas de professores de diferentes centros e unidades da UFRJ, com intuito de ampliar a outras universidades do país.

Desejamos conhecer quais as similitudes e diferenças entre oriundos de áreas diversas, buscando respostas sobre questões ambientais, culturais e sociais do Brasil de hoje. Nosso interesse é recuperar, através dessas respostas, as diferentes conceituações e as ideologias que permeiam a representação sobre a ecologia e meio ambiente, no campo dito científico.

Vários trabalhos brasileiros atuais, analisando a questão superficialmente, obscurecem a análise das ideologias que permeiam os diferentes conceitos e representações sociais. Se é fácil apontá-las no "senso comum" do dia a dia, ela não é uma questão simples, quando se trata de uma opinião dita "científica", pois reproduzem, embora escamoteadas, relações de poder na ótica "norte-sul" e podem significar um enorme retardo para o desenvolvimento do país, visto em suas dimensões sociais e culturais, e não somente econômicas.